

“A luta antirracista é tão importante quanto a batalha contra o patriarcado”, diz Marai Larasi

(A Ponte, 26/05/2015) A ativista feminista Marai Larasi acredita que as lutas contra o machismo e racismo são tão necessárias quanto o combate “à homofobia, discriminação por classe ou deficiência”

A luta pelo fim da violência contra mulheres e jovens negras, refugiadas e de minorias étnicas mobiliza a feminista Marai Larasi há mais de 20 anos. Ativista em mídia, juventude, gênero e violência e diretora executiva da Imkaan, organização não governamental feminista negra, sediada no Reino Unido, ela foi uma das palestrantes do I Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres, ocorrido entre 20 e 21 de maio, em São Paulo e organizado pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Vladimir Herzog.



A ativista feminista Marai Larasi (Foto: Reprodução)

Em entrevista à Ponte Jornalismo, Marai explica que “mulheres e meninas negras, jovens e de minorias étnicas experienciam violências de maneiras similares às outras mulheres. Isso inclui assédio sexual, abuso sexual na infância, exploração sexual, tráfico e violência por parceiro íntimo. Há, no entanto, algumas diferenças em formas de violência que vão atingir desproporcionalmente mulheres e garotas negras, jovens e de minorias étnicas, como casamento forçado e mutilação genital feminina”.

Qual é o quadro de violência contra mulheres e meninas no Reino Unido

Marai Larasi- A violência contra mulheres e meninas continua sendo uma questão crítica no Reino Unido. Essa violência é perpetrada de diversas maneiras e inclui: abuso e exploração sexual, estupro, tortura, ataque físico, abuso psicológico, mutilação genital feminina, casamentos forçados, abuso financeiro, assédio, violência perpetrada em nome da ordem, perseguição, entre outros. Enquanto é difícil ter uma visão acurada da prevalência, os dados que temos sugerem que todo ano centenas de mulheres e meninas do

Reino Unido são submetidas à violência nas esferas pública e privada.

Além disso, a evolução das “**novas**” **tecnologias mudou a maneira como muitos de nós historicamente entendemos ou definimos violência. Nesse fenômeno de mídias sociais, mensagens instantâneas, chats de vídeo e mensagens de texto estão sendo mais usados como mecanismos de vitimizar mulheres e garotas.** Isso apresenta novos desafios para todos nós, não apenas nas nossas análises de diferentes ‘sites’ de violência, mas crucialmente em torno de nossa abordagem de prevenção, solução de crises e apoio contínuo.

Há algum tipo específico de violência cometida contra mulheres e garotas jovens, negras e de minorias étnicas?

Marai Larasi- Mulheres e meninas negras, jovens e de minorias étnicas experienciam violências de maneiras similares às outras mulheres. Isso inclui assédio sexual, abuso sexual na infância, exploração sexual, tráfico e violência por parceiro íntimo. Há, no entanto, algumas diferenças em formas de violência que vão atingir desproporcionalmente mulheres e garotas negras, jovens e de minorias étnicas, como casamento forçado e mutilação genital feminina.

Ao entender essas diferenças, primeiramente focamos nas semelhanças. Nós entendemos que a “violência contra a mulher e garotas tem raízes na histórica e estrutural falta de igualdade nas relações de poder entre homens e mulheres e persiste em todos os países do mundo como uma generalizada violência à difusão dos direitos humanos”, de acordo com a ONU Mulheres.

Assim, embora a violência contra mulheres e meninas varie em suas manifestações, ela é, no entanto, uma expressão do patriarcado e contexto mais amplo de cultural de desigualdade (tomando como base sexo e gênero). Estamos conscientes, então, que diferentes definições de perpetração da violência podem “evoluir” em formas específicas que estão ligadas a outros fenômenos culturais.



Marai Larasi durante palestra no Iº Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres (Foto: Tainah Fernandes/Agência Patrícia Galvão)

Qual é a diferença entre o quadro de violência contra esse grupo de mulheres no Reino Unido e a do resto do mundo?

Marai Larasi- Somos cautelosos em fazer comparações entre a situação no Reino Unido e o resto do mundo, já que cada país, região, está lidando com seu próprio e único conjunto de circunstâncias, que impactam na prevalência de violência e na natureza e disponibilidade de serviços, etc.

Ao invés disso, buscamos fazer conexões entre nossas experiências e a dos outros países. Dessa forma, ampliamos nosso entendimento sobre formas mais amplas de impacto estrutural e cultural na vida das mulheres e nos ajuda a fortalecer nossas respostas para combater a violência. Por exemplo, temos parceria com o projeto *Pacific Island Safety and Prevention Project in Aotearoa, na Nova Zelândia*, e descobrimos que muitas das narrativas de lá se espelham com as nossas. Eles conseguem explicar formas de intersecção entre o patriarcado, racismo e questão econômica, entre outras desigualdades. Além disso, dado que vivemos num contexto de globalização nós também buscamos aprender a partir de experiências específicas de mulheres, que podem ser menos familiares para nossos quadros de referência, por exemplo mulheres que vivenciaram experiências de violência

em contexto de conflito.

Por que você e a Imakaan se definem como feministas negras? No que se diferem do feminismo “branco”?

Marai Larasi- Eu me identifico como uma feminista negra porque acredito que feminismo negro oferece espaço para uma análise interseccional (A teoria da intersecção foi introduzida primeiramente por Kimberlé Williams Crenshaw nos anos 1980) de nossas experiências como mulheres negras, mulheres de cor. Essa perspectiva é crítica se falarmos em termos da realidade que as mulheres negras experienciam em relação ao sexismo que é frequentemente racializado e que nossa experiência de racismo é frequentemente sexualizada. Por exemplo, enquanto todas as mulheres são rotineiramente objetificadas nos espaços de mídia, os corpos de mulheres negras são frequentemente apresentados de maneiras que promovem noções de hipersexualidade e brutalidade dos negros. Enquanto uma análise feminista mais genérica irá preocupar-se com essa questão a ser problematizada em termos de gênero, o feminismo negro oferece uma crítica que questiona a intersecção entre sexismo e racismo.

O feminismo negro, como outros feminismos, não oferece uma narrativa única. O meu próprio feminismo negro está ligado a outras lutas e espaços de aspiração. Isso me proporciona a oportunidade de me conectar às minhas raízes nas minhas jornadas ancestrais de colonização, escravidão e sobrevivência, me permitindo invocar histórias de Sojourner Truth [Abolicionista e feminista norte-americana que foi uma líder defensora da abolição da escravatura e dos direitos das mulheres], Nanny of the Maroons [líder dos quilombolas jamaicanos conhecidos como Maroons do século 18] e Nelson Mandela com a mesma ressonância. Também me permite conectar com a resistência das sufragistas europeias e com os ativistas LGBTQ de Stonewall.

Feminismo “branco” (que não é o termo que eu necessariamente usaria) foi e continua sendo, uma parte essencial da minha jornada, mas nunca senti verdadeiramente como “meu” feminismo. Para mim, feminismo negro abre espaço e cria conexões e reflete tudo que eu sou.

Cada membro da equipe do Imkaan personifica sua própria visão sobre a questão e é trazido para o nosso trabalho. Nosso trabalho foca nas necessidades e aspirações das mulheres e garotas negras e de minorias étnicas. O feminismo negro é o coração disso. Nossas lutas antiracistas são tão importantes quanto nossas batalhas contra o patriarcado. Para nós, é tão importante quanto homofobia, discriminação de classe ou discriminação por deficiência, assim como outras opressões. Como Audre Lorde disse “não há hierarquia de opressões”. Nós nos recusamos a escolher nossa condição de mulher sobre a nossa negritude, visto que eles estão sempre interconectados. Nosso feminismo negro pressiona fronteiras em volta de uma única agenda de igualdade de gênero. Ao aceitar que a violência contra mulheres e garotas está ligada à falta de igualdade de gênero, nós entendemos as diferentes maneiras que a desigualdade de gênero é atuada, mantida e experienciada. Também entendemos que temos que resistir de diferentes maneiras.

Feminismo negro nos proporciona uma formação e guia de como enquadrar nosso trabalho, como desafiamos a opressão e como imaginamos e trabalhamos em direção a um mundo de igualdade para todos nós.

Como funciona o trabalho da Imkaan no Reino Unido?

Marai Larasi- Somos uma organização de direitos humanos de abrangência nacional. Nossos membros são especialistas de linha de frente para mulheres que trabalham prevenindo e atendendo casos de violência contra meninas e mulheres, negras e de minorias étnicas. Enquanto mulheres e garotas negras e de minorias étnicas sobreviventes, feministas e serviços especializados no atendimento à violência tem desempenhado um papel central no Reino Unido, nossas contribuições são frequentemente minimizadas ou ignoradas.

Imkaan trabalha para garantir que as vozes dessas mulheres e garotas sejam ouvidas, que nossas necessidades sejam validadas e nossas aspirações realizadas. O trabalho da Imkaan inclui pesquisa, treinamento, apoio e defesa estratégica. Também temos áreas específicas de trabalho, que são guiadas e focadas em jovens mulheres. Cada aspecto do nosso trabalho fez diferença em alguma área de políticas, programas ou práticas dentro do Reino Unido (e em outros lugares). Por exemplo, o trabalho da Imkaan em Londres em torno de “práticas nocivas” levou ao financiamento e mudanças de programas em

nível regional, e nosso trabalho tem ajudado a garantir a sobrevivência de pequenos e especializadas organizações de mulheres negras e de minorias étnicas, num momento em que os serviços estão sob ameaça de fechar.

Como funciona a experiência de prevenção à violência de gênero no Reino Unido?

Marai Larasi- No Reino Unido, assim como em vários países, o trabalho com violência contra mulher e garotas tem focado principalmente no apoio aos sobreviventes e gerenciamento de crise. Muito do trabalho de prevenção é, portanto, ligado à prevenção da violência futura contra mulheres e garotas.

Em 2011, a End Violence Against Women Coalition (EVAW) publicou o documento de estratégia “Um mundo diferente é possível”. A iniciativa EVAW tem uma abordagem a longo prazo para prevenir violência contra mulheres e garotas e isso ainda está por ser realizado.

Iniciativas focadas na prevenção primária são ad hoc e dependem fortemente do trabalho individual de defensores trabalhando em organizações não governamentais, escolas e em comunidades. O documento [*A Different World is Possible: Promising Practices*](#) também publicado em 2011, observou que o valor de parte desse trabalho e que “há um papel claro de liderança nacional de governos e autoridades locais para ir além da “promessa” de aproximação e construir apoios para conhecimento, capacidade institucional e recursos necessários para criar um mundo mais seguro para mulheres e garotas”.

Enquanto o governo lançou sua própria campanha [*'This Is Abuse'*](#), que foi bem recebida, e que tem engajamento positivo de jovens, ela não está diretamente ligada a um programa nas escolas.

Assim, apesar dos níveis de violência contra mulheres e garotas, prevenção continua abaixo na lista de prioridades de outras áreas de trabalho. Num tempo de desafios econômicos e medidas de austeridade, nós que estamos trabalhando nessa área estamos cientes que o tema descerá ainda mais na agenda de prioridades.

Tatiana Merlino

[Acesse no site de origem: “A luta antirracista é tão importante quanto a batalha contra o patriarcado”, diz Marai Larasi \(A Ponte, 26/05/2015\)](#)

Especialistas apontam necessidade de ações junto aos jovens para prevenir violência contra as mulheres

(Géssica Brandino e Tainah Fernandes/Agência Patrícia Galvão, 21/05/2015) Ações educativas nas comunidades e escolas, reação à proliferação de atos violentos nas mídias sociais, na propaganda e na internet e desconstrução de estereótipos de gênero que ditam padrões de feminilidade e masculinidade são caminhos apontados por especialistas no 1º Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres, realizado pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Vladimir Herzog em São Paulo, no eixo de debate sobre juventude e a cultura de violência contra as mulheres, nesta quarta-feira (20/05).

A palestra que abriu os trabalhos desse eixo coube a Marai Larasi, ativista em mídia, juventude, gênero e violência há 20 anos e diretora executiva da Imkaan, organização não-governamental feminista negra sediada no Reino Unido.

[easyrotator]erc_13_1432911564[/easyrotator]

Leia mais:

[Presidente da CIDH chama atenção para a invisibilidade da violência institucional \(Agência Patrícia Galvão, 25/05/2015\)](#)

[O papel da mídia na superação da cultura de violência contra as mulheres \(Agência Patrícia Galvão, 22/05/2015\)](#)

[A importância de valorizar os diferentes marcadores para enfrentar a violência sexista \(Agência Patrícia Galvão, 21/05/2015\)](#)

“A violência contra as mulheres tem causa na violência de gênero. E para muitas mulheres e meninas a violência é a norma”, disse a ativista inglesa, que foi educada na Jamaica.

Marai Larasi ressaltou também a intersecção entre violência de gênero, racismo, discriminação de pessoas com deficiência e homofobia. A ativista lembrou como essa cultura de violência carrega em si o impacto da colonização de povos inteiros sobre o comportamento dos homens, ao colocar a agressividade como algo aceitável e necessário.

Estereótipos de gênero

No Painel “Elementos para uma Cultura de Não-Violência contra as Mulheres entre Jovens”, a antropóloga Maria Luiza Heilborn, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos) do Instituto de Medicina Social da UERJ, explicou que o comportamento violento de vários homens é sustentado pelo conceito de masculinidade hegemônica, calcado no controle e exercício da força sobre a mulher. “O homem tem que ser machão, viril. Aquele que age de forma diferente, não tem o comportamento esperado pelos outros, é feminilizado e diminuído”.

Ao mesmo tempo, também existe uma pressão social contra as mulheres. “As meninas são incitadas a se hipersexualizarem para chegarem a uma feminilidade hegemônica”, aponta a antropóloga.

Professor da Universidade de Brown (EUA) e pesquisador sobre masculinidades do Colégio de México, o painelista Matthew Gutmann elencou exemplos de modelos sociais que permitem a perpetuação dessa masculinidade hegemônica, como o argumento de que os homens são



animais e portanto são agressivos por natureza e o senso comum, reforçado pelo discurso midiático, de que o homem deve ter o maior número possível de relacionamentos. “Devemos entender que não se trata de uma ‘questão biológica’, do instinto animal, que faz com que os homens se comportem desta maneira”, salienta o professor.

Heilborn lembrou que um dos ritos que reafirmam essa concepção de masculinidade é a iniciação sexual, fato que é amplamente divulgado pelo rapaz, e por vezes também seus familiares, entre todos os conhecidos para provar a masculinidade e a superioridade sobre o feminino. “Essa ideia de controlar é o que constitui o cerne da questão da violência no Brasil. A necessidade de exercer esse controle moral e sexual sobre a vida da mulher e da menina é o que leva o jovem a divulgar fotos íntimas da ex-companheira ou colega, ou difamá-la nas redes sociais porque ela quis terminar o relacionamento ou não quis iniciar um”.

Novas formas de perpetuação da violência

A divulgação de imagens pelas redes sociais é uma das novas formas de violência para a qual a sociedade precisa estar atenta, aponta Marai Larasi. “É fundamental entender o inimigo que, com a tecnologia, hoje é um pouco diferente”.

Para a ativista é fundamental pensar no espaço virtual como um novo espaço de violência, como a rua ou a casa, e no que pode ser feito para proteger as meninas e adolescentes que sofrem agressões por meio da internet. “Não educamos as pessoas a se comportarem no ambiente virtual. Temos uma área cinzenta e precisamos conversar sobre isso”. Ela falou também sobre o fato de a rede virtual facilitar a desumanização do outro. “É preciso desumanizar a pessoa para agredi-la e a internet permite que se faça isso de diferentes formas”.

A antropóloga e pesquisadora Maria Luiza Heilborn lembrou que o sexismo também está presente na publicidade brasileira, especialmente nas propagandas de cervejas e automóveis, que vendem, respectivamente, os corpos de mulheres e a ideia de agressividade dos homens no trânsito como exemplos de virilidade.

No Reino Unido, Marai conta que são frequentes mensagens propagadas com o intuito de destruir a noção de consentimento, dizendo aos homens que eles têm o direito de violentar mulheres, além de promover o consumo de pornografia, como o caso de um game no qual os jogadores podem roubar, agredir e assassinar prostitutas, e músicas que incentivam o estupro e a objetificação das mulheres, como *Blurred Lines*, de Pharrell Williams, e *Drinking from the Bottle*, de Calvin Harris.

Reflexo da cultura de violência

No último ano, uma série de denúncias de estupros, abusos sexuais e trotes violentos contra mulheres, negros e homossexuais na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo levantou a urgência de um amplo debate sobre violência de gênero, racismo, machismo e homofobia para desconstruir uma prática institucionalizada.

“A USP costumava abafar casos de estupro e violência. Hoje esses casos são de conhecimento público porque as vítimas têm mais voz para denunciar, mais apoio, apesar de algumas ainda preferirem não levar o caso à justiça por conta da culpabilização e da vergonha”, relatou a antropóloga da Universidade de São Paulo Heloísa Buarque de Almeida, que integra a rede de apoio às alunas e alunos vítimas de violência sexual e de gênero nos campi da instituição, que recebeu o nome de “Quem cala consente?”.

“Houve uma mudança de sensibilidade geracional, uma mudança de linguagem na abordagem desses casos”, afirma a professora, lembrando que a cultura do trote presente na Universidade reflete os padrões reproduzidos na sociedade brasileira, o que aponta a urgência de modelos educativos, campanhas e debates sobre o que significa a noção de consentimento.

“Muitos abusos acontecem com meninas embriagadas e que não têm como reagir. E muitos problemas aparecem pela dificuldade dos rapazes de entender a noção de consentimento. Pela masculinidade generalizada eles se sentem no direito de abusar das meninas e várias delas se viam como culpadas”, destaca Heloísa.

Boas práticas e contracultura

Para reverter o cenário da violência, Marai Larasi falou sobre projetos de formação para que mulheres jovens possam lutar pelos próprios direitos e espalhar informações para outros jovens, uma estratégia que tem se mostrado efetiva. E alertou também para a necessidade de pensar sempre nos diferentes tipos de lares e contextos em que essas jovens vivem, para traçar diversas formas de comunicação que respeitem as múltiplas realidades sociais.

“É fundamental pensarmos em prevenção nas comunidades e escolas. Os pais devem pensar em como falar com os filhos sobre questões de desigualdade de gênero. É preciso que todos dentro da escola pensem no que é essa violência”, ressalta. “Violência contra mulheres e meninas não é algo inevitável. Temos que parar de agir como se fosse um comportamento normal da sociedade”, finaliza.

Especialista inglesa destaca papel do feminismo negro no enfrentamento à violência

(Agência Patrícia Galvão, 19/05/2015) A luta pelo fim da violência contra mulheres e jovens negras, refugiadas e de minorias étnicas mobiliza Marai Larasi há mais de 20 anos. Ativista em mídia, juventude, gênero e violência, ela é diretora executiva da Imkaan, organização não governamental feminista negra, sediada no Reino Unido. Marai será uma das palestrantes do I Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres, que ocorrerá entre 20 e 21 de maio, em São Paulo.

Leia mais:

[*Prevenir violência contra as mulheres exige desconstrução cultural, defendem especialistas \(Opera Mundi, 19/05/2015\)*](#)

[Mau comportamento masculino não pode ser aceito, diz antropólogo \(Folha de S. Paulo, 17/05/2015\)](#)

[‘A cultura da violência está introjetada em todos nós’, alerta médica e pesquisadora de violência contra as mulheres \(Agência Patrícia Galvão, 14/05/2015\)](#)

A Imkaan atua com o conceito de feminismo negro, que oferece uma análise interseccional sobre o sexismo sofrido pelas mulheres negras combinado ao racismo. “Nossas lutas antiracistas são tão importantes quanto nossas batalhas contra o patriarcado”, destaca Marai. “Feminismo negro nos proporciona uma formação e guia de como enquadrar nosso trabalho, como desafiamos a opressão e como imaginamos e trabalhamos em direção a um mundo de igualdade para todos nós”, completa.

Marai menciona que mulheres e meninas negras, jovens e de minorias étnicas experimentam as mesmas violências que todas as outras mulheres, mas sofrem ataques específicos relacionados a sua condição racial.

No Brasil, as mulheres negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país, segundo o Ipea. Somado a esse dado, informações do Ministério da Justiça revelam que das 130 vítimas de tráfico de pessoas identificadas em 2012, 42% delas eram mulheres pretas ou pardas e 65% tinham até 29 anos.

As mulheres negras são ainda 60% das mães mortas durante partos no SUS, de acordo com o Ministério da Saúde. Além disso, segundo estudo publicado em agosto de 2014 pelo Laboratório de Análises Estatísticas, Econômicas e Sociais das Relações Sociais do Instituto de Economia da UFRJ o rendimento médio das mulheres pretas e pardas chegava a ser até 140% menor que o de homens brancos no País

A palestra de Marai Larasi abrirá o eixo “Juventude e a Cultura da Violência contra as Mulheres”, que contará em seguida com o painel composto pela professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Maria Luiza Heilborn; pelo professor de antropologia da Brown University, Matthew Gutmann; e pela professora de antropologia da Universidade de São Paulo, Heloísa Buarque.

[Confira a programação completa do Seminário](#)